

**O ATO DE LER E SUAS RELAÇÕES COM ALGUNS FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO POPULAR**
**CHAVES, Priscila Monteiro¹; SILVA, Rogéria Novo da; GHIGGI,
Gormercindo²**

¹Universidade Federal de Pelotas- pripeice@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- gghiggi@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Entende-se que o sistema escolar constitui a mais importante ferramenta de resistência e decifração dos enigmas que permeiam o sistema capitalista, e pertencente a este conjunto de enigmas, a “faculdade” (se é que assim seja possível denominar) que o ser humano tem de *estranhar*¹ o fato de este mesmo sistema ser produzido e alimentado pelos próprios homens. Contudo, citando István Mészáros, somente o acesso ao contexto escolar “é condição necessária mas não suficiente para tirar das sombras do esquecimento social milhões de pessoas cuja existência só é reconhecida nos quadros estatísticos”(2008, p.11), visto que a democratização do ensino e a expansão dos meios de comunicação não propiciam a difusão “qualitativa” do saber. A preocupação em decifrar estes enigmas recém citados demanda um questionamento crítico acerca da estrutura de valores que cooperam para a imortalização da concepção de mundo baseada no sistema social mercantil.

Nas palavras de Paulo Freire “a questão se apresenta de modo claro: trata-se de acomodar as classes populares emergentes, domesticá-las em algum esquema de poder ao gosto das classes dominantes”(1980, p.17), porém, a invasão cultural se dá de maneira mais perigosa ainda quando não se tem mais a mesma possibilidade acessibilizada pela docilidade tradicional, tornando-se indispensável “manipulá-las de modo a que sirvam aos interesses dominantes e não passem dos *limites*” (1980, p.17)(grifo nosso).

Sendo o analfabetismo facilmente interpretado como um destes limites, principalmente pelo fato de haver um vínculo estrito entre a escrita, e consequentemente a leitura, e os diversos modos de exercício do poder, fazendo com que esta tão valiosa e almejada técnica seja, nas diferentes sociedades de classe, distintamente ofertada, possuída e compreendida, o presente trabalho tem por objetivo abordar as principais contribuições que as reflexões acerca dos fundamentos da Educação Popular fornecem à formação de leitores.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A partir de uma percepção da precária formação de leitores nos últimos tempos, problemática esta que se agrava quando fala-se de escola pública de

¹ Com a utilização do termo *estranhamento*, neologismo que tem sua origem proposta no trabalho do formalista russo Viktor Chklovski, quer-se a compreensão do leitor de uma habilidade de distanciar-se de um determinado contexto, distanciar-se em relação ao modo comum como para o sujeito foi sempre apresentado o mundo, ou da única maneira que por ele este foi compreendido, desafiando e transformando as ideias pré-concebidas trazidas por ele. Habilidade esta que lhe seria permissiva a uma entrada em outra dimensão de apreender o contexto em que vive. Necessidade litarariamente ilustrada pela primeira epígrafe, a de Saramago inicialmente citada.

baixa renda, realizou-se uma pesquisa com base no material já publicado a respeito dos principais fundamentos trazidos pela Educação Popular, interrogando quais seriam as principais reflexões que emergem destes e que poderiam contribuir para a formação de leitores. Para tal, utilizou-se aqui os seguintes autores: Paulo Freire; Danilo Streck; István Meszáros; Fals Borba e Magda Soares.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Uma das mais conhecidas pedagogas do contexto educacional brasileiro, dedicando seus estudos ao conceito de letramento bem como aos principais impasses que permeiam a formação do leitor, Magda Soares, também traz suas contribuições facilmente relacionadas à teoria freireana, apontando a principal problemática de um quadro social que reforça ainda mais a desigualdade da sociedade capitalista na qual se vive, estando este longe de proporcionar de forma equitativa a oportunidade de aprendizado a todos, visto que o acesso ao campo da escrita “vem significando, apenas, para as camadas populares, a aquisição de uma habilidade quase mecânica de decodificação/codificação”, em outras palavras, o que se percebe é que ao povo permite-se que aprenda a ler, não se lhe permite que se torne leitor, “ou o acesso a universos fechados arbitrariamente impostos”. (2000, p.25).

Torna-se notório a partir de tal assertiva a construção de uma sociedade alicerçada em interesses bastante antagônicos, fazendo do ato de ler um privilégio de alguns e não aquilo que deve ter por direito toda uma população.

Esta impossibilidade de acesso ao real mundo da cultura letrada da maioria da população, como bem contrapôs Soares, é o que vem caracterizando o “novíssimo analfabetismo”, uma condição de quem sabe codificar, decodificar e até mesmo é capaz de explicar muitos fenômenos, porém não compreendê-los. Nunca se teve a convivência de uma quantidade tão grande de meios informativos disponíveis com uma baixa capacidade de interpretação dos fatos e/ou sistema. Percebe-se que cada vez mais vem sendo confundidos acúmulo de conhecimento e compreensão do mundo (MÉSZÁROS, 2008).

Quanto a esta perversa indiscriminação a teoria freireana também contrapusera, inclusive no que concerne o ato de ler, caracterizando por exemplo a população de Guiné-Bissau como “um povo que, apresentando um alto índice de analfabetismo, 90% do ponto de vista linguístico, é altamente ‘letrado’ do ponto de vista político”, criticando assim determinadas comunidades “sofisticadamente letradas, mas grosseiramente ‘analfabetas’ do ponto de vista político”(FREIRE, 1978, p. 17).

Como importante tentativa de conclusão a ser extraída das reflexões que permeiam os fundamentos da Educação Popular, por mais que pareça ambiguidade, contradição ou qualquer incerteza do tipo, parece configurar na mais antiga e ao mesmo tempo mais atual: a noção de *Conscientização*. Já que, segundo a teoria freireana, esta é uma tarefa de participação de todos, na medida em que aborda e trabalha com o *diálogo* e não com a *invasão*, como aqui já foi contraposto.

Sua atualidade reside no fato de que ainda, quando se fala em práticas pedagógicas libertadoras, estas são impostas à comunidade escolar como um *cânone* atual a ser seguido, não interessando como, para quê e nem o porquê de serem realizados, não demandando participação popular alguma, como vem

sendo realidade nas escolas com as questões da construção do conhecimento, do letramento e outros assuntos de grande relevância. Enxergados como “modernismos” pela população, caindo em conceitos vazios e vãos.

No que compete à implantação do letramento na rede pública de ensino, por exemplo, tem-se feito da ciência um fetiche, como se esta fosse uma entidade com vida própria, esquecendo-se que esta, a ciência, apenas tem sentido quando demanda a participação popular efetiva. Ao impor uma diferente maneira de formar leitores, a escola acaba deixando de lado o fato de que “a ciência é apenas um produto cultural do intelecto humano que responde a necessidades coletivas concretas” (BORBA, 1999, p.43), e conseqüentemente não estabelecendo uma relação mais proveitosa entre os sujeitos que de tal atividade partilham.

Percebe-se então por parte dos educadores uma carência de posicionamento crítico perante à ciência clássica, carência esta que fará com que estes profissionais permaneçam à luz dos princípios que orientam a educação formal, e não proporcionará a realização de práticas educacionais mais abrangentes, que sejam capazes de romper com a lógica do capital. Situação que se mostra sem egresso, em um primeiro momento, visto que não pode haver uma solução que se apresente de maneira efetiva para a autoalienação sem que haja a promoção, conscienciosamente, da universalização conjunta do trabalho e da educação (MÉSZÁROS, 2008).

A fim de não mais viver sob condições desumanizantes e principalmente sob condição subversiva, fetichista do estado das coisas dentro da consciência do indivíduo, com sua posição extremamente democrática, e contra uma concepção demasiadamente estreita de como vinha se fazendo educação e quem eram os chamados intelectuais, Gramsci (1957) já argumentara que não existe atividade humana da qual qualquer intervenção intelectual possa ser rejeitada, como muito tem-se citado o autor, *Homo faber não pode ser separado de Homo sapiens*, dessa forma, no que concerne à formação do leitor, o que o educador em seu papel de alfabetizador deve constantemente ter ciência é de que, visando tal processo, a diferença entre ele e o alfabetizando é que aquele já lê a palavra, isto é, domina aquela tão valorizada técnica, enquanto este, em um primeiro momento, “só” lê o mundo, como aponta as mais conhecidas assertivas da teoria freireana, advogando que a *leitura de mundo* precede a leitura da palavra.

Por isso é que torna-se impossível falar em assistencialismo quando se fala na relação professor/aluno, principalmente no processo de formação do sujeito-leitor. Porém, tal postura ainda não parece ser adotada no contexto escolar, o fetiche pela técnica domina a prática pedagógica de grande parte dos educadores, caracterizando-se como uma sociedade que permanece irracional, apesar de toda racionalização.

Percebe-se então, a partir de tais reflexões, como é cômodo para os tempos atuais “encurtar distâncias”, tanto que tais exigências acabam tornando-se prioridade de sobrevivência nesta civilização complicada de se viver, em virtude de seu perfil tecnologicamente refinado.

4. CONCLUSÕES

Com as reflexões tecidas a partir dos fundamentos da Educação Popular, torna-se possível pensar em um processo de formação do leitor como prática libertadora, uma formação que não privilegiará os modelos de sociedades

cerradas por si sós, inacessíveis e conseqüentemente dependentes, sociedades estas que, ao distanciar-se delas para bem analisá-las é possível perceber que estão em processo constante de pseudodesenvolvimento, ou em outras palavras, de uma simples *modernização*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, O.F. **Aspectos Teóricos da Pesquisa Participante**: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. *In*: Pesquisa Participante. Carlos Rodrigues Brandão (org.) São Paulo, Brasiliense, 1999.

FREIRE, P. **Conscientização : teoria e prática da libertação**. São Paulo : Moraes, 1980.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**; [tradução de Tavares]. 2.ed- São Paulo: Boitempo, 2008.

SOARES, M. B. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. *In*: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel (org). **Leitura Perspectivas Interdisciplinares**, 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.

STRECK, D. José Martí e a formação de nossa América. *In*: **Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia**. Danilo Streck (Org) – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. Paulo Freire e a consolidação do pensamento pedagógico na América Latina. *In*: **Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia**. Danilo Streck (Org) – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.